

● ENTREVISTA

“UMA EM CADA CINCO DE ALGUM TIPO DE A

ANDREIA CORREIA
areis@dnoticias.pt

Beijos, toques indesejados nos órgãos sexuais ou até comentários de cariz sexual que causem desconforto à vítima são actos que podem ser considerados de violência sexual.

20% das crianças, em Portugal, ou seja uma em cada cinco já sofreu algum tipo de abuso ou violência sexual. Um número que é “muito significativo”, tal como explicou Paulo Pelixo, psicólogo e director técnico da Associação para o Planeamento da Família (APF).

A prevenção de um abuso cabe aos pais, escolas e à comunidade. Cabe também aos pais passar a informação, adequada à idade dos filhos, sobre a sexualidade, educação sexual, de forma a ajudar a criança a perceber que existem partes do corpo que não podem nem devem ser tocadas por outras pessoas.

Nem todas as crianças vão ficar traumatizadas perante uma situação de violência, outras podem esconder uma vida toda e isto pode trazer consequências, ou não, para a sua vida futura e adulta.

Quando falamos de violência sexual e abusos sexuais quais são as diferenças? O abuso sexual é uma forma de violência sexual. A violência sexual é um termo mais amplo que cobre outras questões. Quando falamos de abuso sexual geralmente estamos a falar de formas de violência sexual que são perpetradas sobre as crianças.

Paulo Pelixo, Psicólogo e Director Técnico da Associação para o Planeamento da Família



Implementar o modelo islandês 'Barnahus' seria fundamental para apoiar as crianças e jovens. FOTO HÉLDER SANTOS/ASPRESS

PAIS TÊM UM PAPEL FUNDAMENTAL PARA PASSAR INFORMAÇÃO ADEQUADA SOBRE A SEXUALIDADE

violência sexual aumentassem? Sim, e a informação que tenho é que o facto de as famílias estarem mais condicionadas, de existir menos contacto com o exterior, de haver menos supervisão exterior também das crianças, em algumas situações, facilitou os abusos sexuais.

Como está agora? Menos denúncias? Não consigo confirmar. Era um dado que seria muito interessante perceber com a Polícia Judiciária, mas nós, APF, não sabemos, de facto, e não podemos afirmar que aconteceram mais denúncias.

Quais os sinais que devem ser considerados de alerta e que os pais devem ter em atenção nas crianças? Existem vários tipos de sinais que nós devemos ter em atenção. Podemos ter em uma minoria de situações algum tipo de indicador físico, de lesão física. Sendo que estou a lembrar-me das mais comuns, por exemplo, nos genitais. Mas, estas situações estão apenas presentes numa minoria de situações de abuso. Depois temos indicadores emocionais, questões como a depressão, a tristeza, a ansiedade, pesadelos recorrentes, entre outros. Temos também sintomas comportamentais como comportamentos sexualizados, de oposição, etc. A questão é que muitos destes indicadores e destes sintomas não são específicos de uma situação de abuso, ou seja, são obviamente indicadores que, para um pai e uma mãe, que qualquer que seja o motivo deve preocupar-se. Se uma criança apresenta algum tipo de alteração de comportamento, de humor é importante despistar e perceber o que está a acontecer, mas não tem de significar necessariamente que a criança está a vivenciar uma situação de abuso sexual e pode estar a evidenciar outro tipo de questão.

Os abusos partem algumas vezes de pessoas conhecidas da vítima, familiares, amigos, conhecidos. É possível para

No que diz respeito a números, quais os dados mais recentes, a nível regional e nacional, relativamente à violência/abusos sexual? Nós seguimos-nos pelos números do Conselho da Europa que indica que uma em cada cinco crianças é vítima de algum tipo de abuso sexual ou de violência sexual antes de chegar aos 18 anos, e pegando nestes números, estamos a falar de 20% da população. E 20% da população das nossas crianças são afectadas por esta problemática. É um número muito significativo de pessoas e é maior do que grande parte de nós, à primeira vista, possa achar que é a realidade do país.

A pandemia fez com que os casos de

PUB

Jai Invest
www.jainvest.pt
@ jainvest

geral@jainvest.pt | +351 932 976 799
Os produtos HOME estão disponíveis nos nossos distribuidores/representantes

PUB

DIÁRIO de Notícias ADIRA A 1 ASSINATURA ANUAL E USUFRIA DAS SEGUINTE VANTAGENS:

75% na inscrição;

INNOVATION FITNESS LAB
INNOVATION FITNESS CLUB

conheça todos os parceiros e vantagens em: assinaturas.dnoticias.pt

O CRIANÇAS É VÍTIMA DE ABUSO SEXUAL”

os pais ajudar a prevenir que uma situação de abuso aconteça? Na maior parte sim. A prevenção do abuso é uma tarefa que eu acho que é dos pais, das escolas e de toda a comunidade, pois a prevenção tem de ser sistémica. O papel dos pais é fundamental e é importante passar informação adequada às características da criança, nomeadamente da faixa etária, do desenvolvimento, sobre questões que são tão importantes como a sexualidade de uma forma geral e a educação sexual é absolutamente fundamental e, dentro desta educação sexual, ajudar a criança a perceber exactamente que existem partes do seu corpo que são privadas e que outras pessoas não têm que tocar, que existem bons toques e maus toques, existem bons e maus segredos e é preciso ajudar a distinguir entre todos estes aspectos. É muito importante, caso aconteça alguma coisa que seja desconfortável, que as crianças podem falar com eles ou podem falar com outros adultos de referência.

É importante que desde muito cedo os pais falem abertamente com os filhos para que a sexualidade não seja um tabu? Não poderá ser um tabu e a questão é: se nós não podemos falar de sexualidade com os filhos muito mais dificilmente conseguiremos falar de abuso sexual porque, o que é ideal, é que nós, no nosso papel de pais, mães, educadores transmitirmos exactamente os conhecimentos fundamentais sobre aquilo que é uma sexualidade saudável que faz parte da nossa condição de seres humanos e de ajudar a perceber também que existe violência e abuso, obviamente adequando sempre às características da criança. Não vamos falar com uma criança de 9 anos da mesma forma que falamos com uma criança de 3. Os temas são diferentes e a informação a passar é diferente. Da mesma forma não falamos com um adolescente de 16 anos do que um de 12.

Existem crianças que mentem sobre uma violência sexual? As falsas alegações são relativamente raras o que não quer dizer que não aconteçam, mas mesmo quando estamos perante uma falsa alegação de abuso não podemos desvalorizar a situação, porque aquela poderá ser uma for-

ma daquela criança pedir ajuda. Aquela falsa alegação pode ser um pedido de ajuda daquela criança para uma outra questão.

Como é que os pais, familiares e a escola podem ajudar as crianças vítimas de abuso? Quando falamos de abuso sexual estamos a falar de um crime e precisamos da intervenção da justiça, precisamos de investigação e, a melhor forma é: se eu tiver conhecimento de uma situação de abuso então eu devo sinalizar a quem tem a competência reservada da investigação nesta matéria e que é a Polícia Judiciária, é quem eu devo contactar para sinalizar a situação e também poderei fazê-lo junto do tribunal.

O sistema (leis, tribunais, polícia, associações) como podem melhorar na assistência e na resolução? Eu acho que o sistema pode melhorar muito a resposta que dá. Portugal rectificou, em 2012, a Convenção de Lanzarote, que prevê a melhoria das respostas que são prestadas quer a nível da intervenção quer a nível da prevenção de abuso e uma das medidas que está em causa é a criação de equipas especializadas de intervenção e abuso sexual, como já temos em muitos outros países da Europa. Existe um modelo islandês que se chama ‘Modelo Barnahus’, casa das crianças, é a tradução do nome. É uma resposta especializada para crianças e jovens vítimas de abuso sexual e que está devidamente investigada e fundamentada como uma boa prática de intervenção. Em Portugal confrontamo-nos com uma grande dificuldade porque não temos um modelo de intervenção. Temos uma grande diversidade de práticas e procedimentos de todo o território nacional o que nem sempre concorre para a protecção das crianças e para a promoção dos direitos das crianças.

Falando dos agressores, existe algum perfil ou padrão que deva ser considerado? Aquela imagem que temos dos agressores, aquela imagem clássica do agressor que está com uma garrina no jardim à espera da criança é um mito. Não é assim. Os agressores são pessoas como todas as outras e que estão integradas na sociedade na maioria das situações, trabalham, têm uma família. Se existe agressores com uma psicopatologia com um determinado perfil em ter-



AS FALSAS ALEGAÇÕES SÃO RELATIVAMENTE “RARAS”, MAS PODEM SIGNIFICAR UM PEDIDO DE AJUDA

É “ABSOLUTAMENTE FUNDAMENTAL” O AGRESSOR FAZER TRATAMENTO, DISSE PAULO PELIXO

mos de psicopatologia? Sim, mas não serão todos e não serão sequer a maioria. Ou seja, ninguém tem escrito na testa ‘agressor sexual’ e, à partida, não existe, comportamentos que estas pessoas manifestem, que sejam facilmente identificáveis e que nos leve a pensar que aquela pessoa é um agressor.

Devem fazer tratamento? É absolutamente fundamental. Eu dou sempre um exemplo de um professor que eu tive e que dizia que intervir em abuso sexual trabalhando apenas com as crianças é o mesmo que intervir em alcoolismo trabalhando com os filhos dos alcoólicos. Ou seja, se estas pessoas não puderem beneficiar de tratamento e de um acompanhamento adequado, nós até podemos proteger aquela criança, mas provavelmente existirão outras vítimas mais à frente. As intervenções com os agressores não podem extinguir na punição. A ideia se calhar que a maioria de nós tem é que se alguém cometeu um crime deste tipo então tem de cumprir uma pena de prisão. Nós temos um código legal, houve ali um crime e a pessoa tem de ser responsabilizada criminalmente por isso, mas isto não basta. É importante que possa beneficiar de um tratamento para evitar o risco de recidivas.

Como é que as vítimas podem ultrapassar este ‘trauma’? É possível ultrapassar completamente? Nem todas as vítimas ficam traumatizadas e é a primeira ideia que eu quero, de facto, passar. Da mesma forma que nós podemos passar por acontecimentos que são potencialmente traumáticos e não ficarmos traumatizados, por exemplo um acidente de carro. Algumas pessoas têm acidentes de carro graves e não ficam traumatizadas e outras sim. Existe uma grande variabilidade e muitas diferenças individuais que fazem com que assim seja. Para conseguir efectivamente resolver estas questões junto de vítimas que assim necessitem é necessário existir intervenção a nível de saúde mental, psicologia e psiquiatria. A vítima deve poder beneficiar de terapia especializada exactamente para a situação que ela vivenciou e, sim, nós temos muitas histórias de pessoas que conseguem resolver este tipo de situações traumáticas.

Podem trazer consequências para o futuro, como a nível íntimo com outra pessoa? Pode reflectir-se a nível íntimo e pode atingir todas as áreas da sua vida. A questão de ter sofrido violência, a questão do trauma associado pode ter consequências decisivas e condicionar muito o percurso de vida de uma pessoa. A psicotraumatologia é uma ciência relativamente recente, mas nós estamos de facto a perceber que existe uma relação de vivência de abuso sexual e o desenvolvimento de uma série de problemas de saúde, por exemplo, como a síndrome de dor crónica e outros. Falando especificamente em questões de intimidade que são aquelas em que nós mais facilmente pensamos sim, nós temos muitos relatos de pessoas que foram alvo desta forma de violência e que mais tarde têm dificuldade em ter um relacionamento íntimo com outra pessoa e surgem também muitas questões relativamente à sua própria sexualidade, conseguir vivenciar a sua sexualidade saudável e prazerosa.

E o tratamento deve ser feito logo para que estas situações não aconteçam no futuro? Sim, pode acontecer quando se tem conhecimento da situação e nós precisamos de saber que nem todas as vítimas conseguem contar. Há vítimas que passam uma vida inteira sem falar da situação ou falam muito tarde, mas mesmo que não tenha havido possibilidade por qualquer razão por esta ou por outra razão de beneficiar de terapia na altura, em qualquer momento da vida nós podemos decidir que é a altura de fazermos esse processo. E também para encontrarmos outras estratégias para lidar melhor com estas questões e descobirmos outras formas também de poder estar na vida, nos relacionamentos, na sexualidade.

Quais as instituições que dão apoio às vítimas? Nós temos algumas respostas a nível do nosso país e que estamos a fazer um caminho, mas tal como eu disse, nós em Portugal precisamos de facto tal como acontece em outros países europeus implementaram. eu penso que foram cerca de 22 países europeus, o ‘Modelo Barnahus’. Nós precisamos muito de implementar um modelo deste tipo para poder apoiar mais e melhor crianças e jovens vítimas de abuso.